SEBO DO ALÉM

A DANÇA DOS OSSOS

Bernardo Guimarães



Edição ilustrada

Há histórias que o tempo não enterra.

AMOSTRA DE LEITURA

UMA PALAVRA DO SEU TRAÇA

Antes de abrir

Entre, entre… a porta range, mas não morde.

Trouxe um livro fino. Não confunda com um livro inofensivo.

À beira de um rio, um viajante se aquece junto ao fogo. O barqueiro tem uma história para contar. E, como costuma acontecer com as histórias contadas tarde demais, há quem prefira encontrar uma explicação.

Bernardo Guimarães conhece bem esse jogo: deixa a razão sentar perto da fogueira e espera para ver quem se levanta primeiro.

Puxe uma cadeira. Algumas estradas ficam melhores no papel.

Seu Traça

SOBRE ESTA EDIÇÃO

Ler o original

O texto integral da edição completa foi conferido em Lendas e romances (B. L. Garnier, 1871), páginas 195 a 229 do exemplar da Biblioteca Brasiliana / USP.

Atualizaram-se ortografia e acentuação e corrigiram-se erros tipográficos, preservando o vocabulário, a construção das frases, a oralidade e a ironia.

O conto conserva caracterizações raciais e sociais do século XIX, algumas preconceituosas. Mantê-las permite uma leitura crítica da obra e de seu tempo.

Conservou-se “Parnaíba”, grafia atualizada de “Parnahyba”. O contexto de Minas, Goiás e Catalão indica o rio hoje chamado Paranaíba.

Texto original: Bernardo Guimarães. Preparação editorial e seleção de gravuras: Sebo do Além. Ilustrações produzidas com auxílio de inteligência artificial.

Consultar a edição de 1871 na Biblioteca Brasiliana / USP

A DANÇA DOS OSSOS

I

A noite, límpida e calma, tinha sucedido a uma tarde de pavorosa tormenta, nas profundas e vastas florestas que bordam as margens do Parnaíba, nos limites entre as províncias de Minas e de Goiás.

Eu viajava por esses lugares, e acabava de chegar ao porto, ou recebedoria, que há entre as duas províncias. Antes de entrar na mata, a tempestade tinha-me surpreendido nas vastas e risonhas campinhas que se estendem até a pequena cidade de Catalão, donde eu havia partido.



Seriam nove a dez horas da noite; junto a um fogo aceso defronte da porta da pequena casa da recebedoria, estava eu, com mais algumas pessoas, aquecendo os membros resfriados pelo terrível banho que a meu pesar tomara. A alguns passos de nós se desdobrava o largo veio do rio, refletindo em uma chispa retorcida, como uma serpente de fogo, o clarão avermelhado da fogueira. Por trás de nós estavam os cercados e as casinhas dos poucos habitantes desse lugar, e, por trás dessas casinhas, estendiam-se as florestas sem fim.

No meio do silêncio geral e profundo sobressaía o rugido monótono de uma cachoeira próxima, que ora estrugia como se estivesse a alguns passos de distância, ora quase se esvaecia em abafados murmúrios, conforme o correr da viração.

No sertão, ao cair da noite, todos tratam de dormir, como os passarinhos. As trevas e o silêncio são sagrados ao sono, que é o silêncio da alma.

Só o homem nas grandes cidades, o tigre nas florestas, o mocho nas ruínas, as estrelas no céu, e o gênio na solidão do gabinete, costumam velar nessas horas que a natureza consagra ao repouso.

Entretanto, eu e meus companheiros, sem pertencermos a nenhuma dessas classes, por uma exceção de regra estávamos acordados a essas horas.

Meus companheiros eram bons e robustos caboclos, dessa raça semisselvática e nômade, de origem dúbia entre o indígena e o africano, que vagueia pelas infindas florestas que correm ao longo do Parnaíba, e cujos nomes, de certo, não se acham inscritos nos assentos das freguesias, e nem figuram nas estatísticas que dão ao império... não sei quantos milhões de habitantes.

O mais velho deles, de nome Cirino, era o mestre da barca que dava passagem aos viandantes.



De bom grado eu o compararia a Caronte, barqueiro do Averno, se as ondas turbulentas e ruidosas do Parnaíba, que vão quebrando o silêncio dessas risonhas solidões cobertas da mais vigorosa e luxuriante vegetação, pudessem ser comparadas às águas silenciosas e letárgicas do Aqueronte.

— Meu amo, de certo, saiu hoje muito tarde da cidade, perguntou-me ele.

— Não, era apenas meio-dia. O que me atrasou foi o aguaceiro, que pilhou-me em caminho. A chuva era tanta e tão forte o vento que meu cavalo quase não podia andar. Se não fosse isso, ao pôr do sol eu estava aqui.

— Então, quando entrou na mata, já era noite?...

— Oh, se era!... já tinha anoitecido há mais de uma hora.

— E Vm. não viu aí, no caminho, nada que lhe incomodasse?...

— Nada, Cirino, a não ser às vezes o mau caminho, e o frio, pois eu vinha ensopado da cabeça até os pés.

— Deveras, não viu nada, nada? é o primeiro!... pois hoje que dia é?...

O conto continua.

Na edição completa, a conversa junto ao fogo ainda tem muito a revelar.

Texto integral · 13 gravuras · 64 páginas

Edição completa por R$ 9,90

Comprar na Hotmart

Toque no link acima para comprar e baixar o PDF. Pagamento único. Produto digital, sem envio de livro físico.

Conheça a edição no Sebo do Além